

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

ACOLHENDO E TRANSCENDENDO A
MORTE

PROF. SHUNKO TASHIRO
UNIVERSIDADE DOHO (NAGOYA-JAPÃO)

TRADUZIDO POR
PROF. DR. RICARDO MÁRIO GONÇALVES

一
二
四

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

(Acolhendo e transcendendo a morte)

Prof. Shunko Tashiro - Universidade Dobo (Nagoya-Japão)

I - Questionando a vida

Hoje a questão da vida tornou-se um problema extremamente grave para a Humanidade. Eu criei no meu centro de estudos na Universidade Dobo em Nagoya, um Núcleo de Pesquisa chamado "Movimento Vihára" - "Grupo de Reflexão sobre a Morte e a Vida". Trata-se de um grupo que, centrado no Budismo, procura pensar a questão da morte e da vida a partir dos pontos de vista da Filosofia, da Religião, da Pedagogia, da Enfermagem, do Serviço Social, das Ciências Naturais, etc. Também proporcionamos atendimento e aconselhamento para pessoas que se encontram em posições extremas. Há seis anos me dedico a essas atividades e verifico que tem aumentado o reconhecimento das mesmas por parte da sociedade.

Nos EUA e no Japão essas questões estão sendo questionadas a partir de todos os pontos de vista. Em maio do corrente ano recebi a seguinte carta de uma senhora de 46 anos da Província de Kochi, Japão:

Desculpe-me por escrever de forma tão repentina. Sou uma dona de casa de 46 anos, residente na cidade de Kochi. Meu pai foi, há poucos dias, desenganado pelos médicos por causa de uma recaída de infecção pulmonar e tuberculose. Estou sofrendo muito porque não sei se devo ou não dizer-lhe a verdade, ou seja, que só lhe restam poucos meses de vida. O tempo vai passando e não chego a uma conclusão. Sinto a tristeza de ver um tempo precioso ir se escoando à toa. Tomei, então, contato com um de seus livros que me forneceu informações sobre suas atividades. Senti então que uma luz se fazia no meio das trevas e fui tomada por um forte sentimento de gratidão. Quando meu pai estava com saúde, disse que estava pronto a morrer a qualquer momento, entretanto, quando ele começou a ter dificuldades em respirar, foi levado de ambulância para o hospital e ao ser atendido, sentiu-se aliviado e murmurou: "Estou salvo". Ao ouvir essas palavras plenas de sentimento de meu pai, senti quão persistente é o anseio pela vida. Ao tomar conhecimento da cuidadosa explanação do médico responsável a respeito da situação de sua doença, passou a dizer que gostaria de poder viver pelo menos 6 anos para celebrar o 13º aniversário de falecimento da avó e o 50º aniversário da morte da mãe.

Minha mãe faleceu de melanoma em março de 1960 com 46 anos. Eu tinha então, 16 anos. Disse ela ao morrer: "Agora eu lamento profundamente não ter nenhuma fé religiosa. Eu devia ter me dedicado à fé quando tinha saúde, sinto muito". Eu, que desde criança aprendi com minha avó a reverenciar o oratório budista doméstico, tomei consciência, a partir dessas palavras de minha mãe, quão importante

é a fé para o ser humano. Creio que as palavras de minha mãe abriram um caminho. Eu, uma pessoa má e ignorante, comecei a sentir que estava sendo conduzida para a fé. Fui conduzida a leitura do "Tratado de Lamentação das Heresias". Senti então, pela primeira vez, que as palavras da minha mãe haviam me propiciado a salvação:

"Os próprios bons conseguem renascer na Terra Pura, com muito mais razão, pois, os maus o conseguirão".

Quando minha mãe percebeu seu erro e o confessou do fundo de seu coração, a mão compassiva de Buda a amparou e ela foi capaz de se crer salva. Penso que, se a morte é inevitável, saber como acolhê-la e como transcendê-la é uma problemática fundamental para nós seres humanos. Não é a partir daí que nascem a reflexão, a gratidão e, finalmente, a paz de espírito? Sem isso, a morte seria sempre o medo, a inquietação, o mundo desconhecido, que preferimos ignorar. sinto que a educação para a morte é o tema principal a estudarmos durante nossas vidas. O tempo que resta a meu pai vai diminuindo inexoravelmente. Lamento nada mais poder fazer a não ser orar por um milagre ou, se isso não for possível, para que ele pelo menos tenha uma morte tranquila. Acredito que é chegado o momento de minha família, centrada no meu pai, partir para a educação para a morte. O que devo fazer? Como fazê-lo? Necessito de orientação. Sinto ainda, que algo deve ser feito por meu pai e por nós todos. Sinto muito tomar seu tempo, mas, conto com o senhor.

Nessa carta estão presentes, de forma pungente, os problemas e as angústias da sociedade atual. Mas a carta aponta também o caminho de sua superação. A cada dia, um entre quatro pacientes morre no centro de atendimento de doentes terminais. O número de pacientes de AIDS cresce a cada dia.

Quanto ao Budismo, parece que até agora tem permanecido uma questão de foro íntimo dos indivíduos. Ou então, como dizia o Mestre chinês, Tao-Che (562-645), é "uma teoria profunda e sutil" complexa e necessitando uma hermenêutica intrincada. De qualquer forma, tornou-se difícil sua assimilação pelo homem de hoje. Tenho pensado então, que o Budismo precisa ser questionado como um ensinamento adaptado ao momento e à problemática do homem de hoje, que ele precisa oferecer um meio de transcender tais angústias. É extremamente grave o problema dos pacientes de moléstias incuráveis como o câncer e a AIDS. Além disso, na medicina atual existem graves problemas relativos à ética da vida, onde a vida é questionada. Por exemplo, a eutanásia, transplante de órgãos, interrupção da gravidez, terapia genética, etc. Eu atuo na Comissão de Ética da Faculdade de Medicina de Nagoya como um representante nas áreas de Filosofia e Religião. Todos os meses participo das reuniões e sou chamado a opinar sobre novas terapias. Agora temos um grave problema provocada pela chamada terapia genética. A expressão terapia soa muito bem, mas trata-se de confeccionar genes. O irônico é que parece que moléstias como o câncer e a AIDS poderão ser dominadas através da terapia genética. Trata-se de uma faca de dois gumes. Teríamos dois tipos de terapia genética, uma relativa às células do corpo, outra relativas às células reprodutoras. Neste último caso as gerações futuras passam a ser afetadas, o que provoca graves problemas de segurança e ética.

É então que se começa a pensar: do ponto de vista oriental, ou do ponto de vista budista, até que ponto pode o homem interferir com as leis da Natureza? De um

ponto de vista cristão, até que ponto pode o homem interferir na esfera divina? São problemas éticos da maior relevância.

Do ponto de vista budista, temos de defender até o fim a respeitabilidade da vida, ou então, a respeitabilidade do ser humano. Isso é o que ensina o Budismo. É nos colocado o problema, então, de como equacionar essas questões e como transcendê-las.

Vejamos também como se coloca a questão da vida no âmbito da educação. Há pouco tempo ocorreu um incidente na Província de Yamagata, no Japão. Um aluno que fora maltratado pelos colegas foi encontrado morto enrolado num capacho num depósito de material de educação física. Como é que esses meninos encaram a vida? De que forma poderíamos ensiná-los? Temos aí gravíssimas questões.

Como acabei de dizer, estamos sendo assediados por problemas gravíssimos. Não se trata de meras notícias de jornal ou de eventos distantes de nós. Trata-se também de um problema do Budismo. O Budismo não pode sequer existir fora dessas questões.

II - Por que a Educação para a Morte (Death Education) Agora?

O problema dos pacientes terminais de câncer que eu mencionei antes, o problema da teoria genética e o grave problema da AIDS que está ocorrendo por todo o mundo nos desafiam a nos interrogarmos sobre como considerar a vida e como defender a respeitabilidade do ser humano.

—
—
Acredito que vocês já tenham ouvido os médicos falarem em direito de consentimento ou de decisão própria por parte dos pacientes. Trata-se de pensar uma teoria conforme o julgamento do próprio paciente. O médico dá todas as explicações e depois procede à terapia de acordo com o consentimento do paciente. Mas para isso o paciente precisa fazer uma escolha, ele necessita ter o direito de decisão. Mas como fica isso na prática? É uma coisa ótima, mas pode alguém tomar uma decisão ao ser de repente confrontado com tais palavras? Façam de conta que vocês receberam uma série de informações do médico. Vocês estarão em condições de fazer uma escolha? E se nós estivermos em situação de morte cerebral, como poderemos pedir para desligar ou não os respiradores e outros aparelhos prolongadores da vida? É quase totalmente impossível não é? Isso porque nós nunca pensamos nessas coisas. Consideramos a morte um tabu e costumamos bani-la para longe de nossas vistas. Consideramos-la uma coisa de mau agouro e impura. Assim, nunca pensamos em doenças que podem trazer a morte. Nem mesmo na velhice nós pensamos. Assim, quando nos colocamos diante de uma escolha, não temos como escolher. Teríamos de ter idéias claras sobre essas questões, uma maneira clara de encarar a vida, a nossa existência, a nossa postura no mundo. Estamos sendo forçados a assumir uma posição. Para mim a Educação para a Morte outra coisa não é se não uma educação para a vida. A educação para a vida é um problema fundamental para todos nós. Acontece, porém que a educação para a vida não é nenhuma novidade.

O Budismo é o "Caminho de Libertação da Vida e da Morte", o "Caminho de

Superação da Vida e da Morte". Por que o Buda Sakyamuni nos ensinou a Lei Búdica? O que significa a Libertação?

O filósofo budista Manshi Kiyozawa (1863-1903) explica isso numa única frase: "Libertação significa desprender-se do apego unilateral à vida". Assim, o budismo consiste em libertar-se da vida e da morte, tal é a problemática fundamental do Budismo que Sakyamuni coloca diante de nós.

Quanto a maneira concreta pela qual o Budismo equaciona o problema da vida, acredito que vocês já tenham ouvido a expressão VIHÁRA. A palavra VIHÁRA significa "lugar calmo" e se aplica também aos Templos budistas. É um termo do sânscrito, uma língua da Índia. Nós usamos essa palavra em um sentido bastante amplo, mas também num sentido bastante restrito, para designar uma instalação de amparo a paciente terminais, um equivalente ao termo HOSPICE próprio da

linguagem cristã. Estamos levando avante um movimento nesse sentido, é uma tarefa muito séria que merece toda a nossa aplicação.

Não quero dizer, porém que a função do Budismo deva se limitar a isso. Lembrem -se da carta da senhora de 46 anos da Província de Kochi que eu mencionei em primeiro lugar. Declarava ela que quando seu pai canceroso atingiu a fase terminal sua família entrou em processo de educação para a morte. É claro que para o doente, para aquele que vai morrer, o "Caminho de Libertação da Vida e da Morte" é um questão muito séria. Mas também é um problema de educação para a morte - e para a vida - dos familiares e outras pessoas próximas ao doente.

Assim, não só o doente mas também os familiares são chamados a aprender, por intermédio daquele que está morrendo ou envelhecendo, a questionar o significado da vida. Assim, nós budistas, temos a função de levar não apenas o doente mas também seus familiares a meditem sobre o significado da vida.

O Mestre budista Renny (1415-1499) dizia: "Deveis vós familiarizar com a Lei de Buda desde a juventude".

Assim, é desde jovem que devemos aprender a questionar essa problemática. Penso que a missão do religioso, do Budista, não é apenas propiciar o VÍHARA para os pacientes terminais, é também providenciar desde agora a educação para a vida. É por isso que propomos a Educação para a Morte ou Educação para a Vida. Vejamos agora a situação dos Estados Unidos quanto a isso.

III - A Educação para a Morte nos Estados Unidos

A Educação para a Morte é uma disciplina que surgiu, nos Estados Unidos. Lá se fala em **Death Education** ou em **Death Studies**. Nos anos 40 ocorreu em Boston, Massachussets, um grande incêndio e um psicólogo da Universidade Harvard começou a estudar a condição psicológica dos familiares das vítimas. Começou aí o estudo do conhecimento e das reações psicológicas das pessoas em relação à morte. Isso provocou reação favorável entre os cientistas e nos anos 50 e 60 surgiu a Educação para a Morte como uma nova disciplina. Nos anos 60, a matéria foi incorporada aos cursos de formação de pessoal na área médica como Medicina, Enfermagem e Farmácia. Nos anos 80 começaram a surgir cursos nas escolas primárias e secundárias.

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

Nós colégios temos cursos que duram o ano inteiro. Nas escolas primárias, programas breves de duas ou três semanas.

No ano passado, além de fazer uma pesquisa bibliográfica na Universidade do Estado da Califórnia, percorri centros universitários que se dedicam a essa pesquisa por todo o território norte americano.

Assim, no centro-oeste americano temos o Estado de Minnesota. Na capital, Minneapolis, localiza-se a Universidade de Minnesota onde atua o sociólogo Robert Fulton. Ali funciona um Centro de Educação para a Morte que faz pesquisas do ponto de vista sociológico.

Na Universidade da Flórida em Gainesville, temos a professora Hannelore Wass, que se dedica a esses estudos. Trata-se de dois pioneiros nessa área. Os Professores do Departamento de Pedagogia da Universidade da Flórida já estavam começando a atuar na escola primária. Eles davam para as crianças leves estórias infantis ou trechos de histórias relacionadas com a morte e conversavam a respeito. Depois convidavam médicos para discorrer sobre a vida e a morte. Convidavam também agentes funerários para falar.

Os agentes funerários podem provocar uma imagem insólita mas os agentes funerários americanos são um pouco diferentes dos japoneses. É um sistema de licenciamento. Seguem um currículo especial nas universidades e fazem um exame estadual para obterem a licença de agente funerário. Do currículo constam técnica de embalsamento, matérias científicas, psicologia, etc. São profissionais altamente preparados. Assim, certas agências funerárias dispõem de serviços de aconselhamento ou pelo menos estão providas de vídeos sobre Educação para a Morte. Tais são os profissionais convidados a falar nas escolas primárias. Além disso, em dias bonitos vão ao Memorial Park, ou seja, ao cemitério. Fazem pinturas do local e conversam a respeito. Assim, são educados para não considerarem a morte como tabu. Lá também há a tendência de ver a morte como tabu. Para que isso não aconteça, fazem os estudantes contemplarem a morte para que possam compreendê-la como um momento do ciclo vital. Isso se faz já na escola primária, o que proporciona uma visão clara do que é a vida. Ou seja, proporciona-se uma educação capaz de dar essa visão.

Tais práticas já estão solidificadas desde o princípio dos anos 80, elas são levadas bastante a sério. Hoje há cursos de Educação para a Morte, ou sobre a Morte e o Morrer, em quase todas as universidades americanas. É claro que também existe o Budismo como matéria optativa.

Como resultado de tudo isso, há uma coisa que me impressionou bastante. Tive ocasião de investigar em San Francisco vários HOSPICES (centros para pacientes terminais) para aidéticos beneficiados com a cooperação do Templo Higashi Honganji de Berkeley, Califórnia.

Dentre os centros de Budismo Zen de San Francisco, há um Templo chamado ISSAN, que é um HOSPICE, ou seja, uma residência para aidéticos. Na parte subterrânea há uma sala de meditação Zen. Há também centros para aidéticos, para pessoas sem teto, enfermeiras especializadas em visitas domiciliares e diferentes tipos de HOSPICES. Conversando com o pessoal especializado dessas instituições fiquei bastante admirado ao ouvir mencionar conceitos budistas como **Impermanência** e o

Não-eu.

Por exemplo, temos o livro **Death Education and Research: Critical Perspectives** de autoria de W. G. Warren. Na página de rosto são citadas as palavras de Buda.

Na perspectiva ocidental, pensa-se em vencer o câncer ou a AIDS, mas por mais que falemos nisso não é possível vencer a morte. Isso é impossível, por mais que a ciência progrida. O homem é aquele que deve morrer. É isso que o Budismo procura dizer com a expressão "Impermanência". É uma coisa natural que o homem morra.

Por exemplo, temos uma famosa escritora japonesa que mora em Nova Iorque onde foi acometida de câncer. Atsuko Chiba. Ela escreve na perspectiva de desafiar ou vencer o câncer. Não deixa de ser uma perspectiva válida, mas, no final das contas, não podemos vencer nem o câncer, nem a AIDS, nem a morte. Já que a homem é um ser mortal, o problema está em como assimilar e receber a morte. É por isso que o pessoal dos HOSPICES americanos estão se voltando para os conceitos budistas de "Impermanência" e o "Não-Eu". Admirei-me bastante quando ouvi essas palavras em suas bocas. É uma postura teórica referente ao comportamento dos moribundos ou doentes que se sentem diante da morte.

Até agora o Budismo nos Estados Unidos foi uma espécie de moda cultural. Tivemos a moda do Zen e a moda dos Mandalas. Agora, porém, os americanos estão absorvendo o budismo a partir de sua essência.

Mas como, então, assimilar a morte? Parece que diante do grande problema mundial que é a AIDS, o Budismo irá desempenhar um papel de grande importância.

Creio que não é apenas nos Estados Unidos. Acredito que na América do sul ocorra a mesma coisa. No Instituto Budista de Estudos Missionários do Templo Nambai Honganji já se começa a abordar esse problema.

Os Estados Unidos e a Europa foram exímios em acumular métodos e procedimentos. Faltava-lhes, porém um embasamento teórico que agora eles buscam desenvolver a partir dos conceitos budistas de "Impermanência" e "Não-Eu".

Falemos um pouco mais a fundo desses conceitos de "Impermanência" e "Não-Eu" que traduzem a tomada de consciência da mortalidade do ser humano. A proposição básica de Sakyamuni e do budismo é a seguinte: "Todos os fenômenos são impermanentes". A vida não é permanente. Entretanto, nós a consideramos permanente. Em nossa cabeça, pensamos que seremos sempre jovens. Em nossa cabeça não existe a velhice. Nós, que nos julgamos jovens, pegamos no espelho e vemos que temos cabelos brancos e rugas. Nós, que nos julgamos jovens, não entendemos o porquê desses cabelos brancos e dessas rugas. Ocorre uma discrepância entre aquilo que pensamos e a realidade. Nisso consiste o sofrimento alicerçando no pensamento. O Budismo define tais pensamentos como vãos e ilusórios. Trata-se pois da discrepância entre uma ilusão e a realidade.

O Budismo nos ensina, pois, que somos impermanentes e não permanentes. Uma vez tendo nascidos, temos de ir envelhecendo. O Budismo se coloca na perspectiva do real, ou seja, de que é natural envelhecer. Nós sofremos porque nos colocamos na perspectiva do pensamento. O Buda nos diz que já que nascemos, é natural que envelheçamos.

Sofremos com a velhice porque achamos que deveríamos ser sempre jovens. A mesma coisa ocorre com a doença. Na nossa cabeça achamos que o natural é ter saúde. Em meu centro de estudos sempre recebo cartas de pessoas que me perguntam: "Por que, no meio de centenas de milhares de pessoas que vivem felizes sempre há uma que fica doente. O Sr. estuda o Budismo. Será que o Buda não é parcial? Quero uma resposta."

A causa do sofrimento dessas pessoas está no pensamento de que o natural é ter saúde. A verdade é que um corpo vivo tem sua fase de saúde mas também é natural que venha a adoecer. Mas é muito difícil a pessoa pensar desse modo. As pessoas tendem a se basear num pensamento ilusório. Entretanto, o Budismo ensina a impermanência. Só quando passamos a encarar a doença como algo natural estaremos capacitados a absorvê-la. Enquanto considerarmos a saúde como a condição natural, embora estejamos deitados no leito do enfermo, um outro eu sempre estará passeando lá fora. Assim, só seremos capazes de aceitar a doença quando a encarmos como um fato natural. Só assim poderemos encarar o médico.

O mesmo ocorre com a morte. Na nossa cabeça achamos que não vamos adoecer ou morrer. Entretanto, o Budismo nos ensina que vamos morrer. Uma vez que nascemos, temos que morrer. Achar que não vamos morrer ou envelhecer ou adoecer são pensamentos ilusórios que nos causam sofrimento. O Budismo nos ensina, pois, a encarar a verdade tal como ela é, desfazem-se as ilusões de que não vamos envelhecer, adoecer ou morrer. Passamos então a aceitar essas realidades. Tal é o princípio básico da impermanência.

Nas obras literárias do Japão Primitivo e Antigo há muitos poemas sobre a Impermanência. No **Manyoshu** (Coleção das Dez Mil Folhas) há muitos poemas sobre a impermanência. Mas é uma impermanência diferente. É uma estética da melancolia, uma percepção da beleza daquilo que está fenecendo. Nessa perspectiva, muitos eram levados a renunciar ao mundo de uma maneira elegante. Não é dessa impermanência que tratamos aqui. Dentre os textos que expressam de maneira direta destaca-se a "Carta da Ossada Branca" do Mestre Rennyō.

O Mestre Rennyō tinha uma família muito numerosa, o que lhe provocou muitas experiências de perda de entes queridos.

Quando faleceu sua quarta filha Kengyoku-ni, emitiu ele as seguintes palavras:

"Esta Monja Kengyoku-ni, através de seu passamento, revelou-se uma verdadeira Boa Mestra, suscitando um legítimo pensamento de fê em todos os homens e todas as mulheres. Tendo sido levada a recitar o Nembutsu de gratidão para com os benefícios búdicos, certo é seu ir-nascer na Terra Pura de Buda."

Ou seja, ele considerou a perda de um ente querido como uma Boa Mestra, ou seja, uma instrutora cujo ir-nascer no Mundo Búdico era certo. Assim, encarar a morte na sua realidade, absorvê-la e despertar para o conhecimento búdico é a maneira de preparar-se para os eventos futuros. E, portanto, tomando consciência de que somos mortais que conquistamos a fê verdadeira, nos diz ele. Assim, não é fugindo da realidade ou renunciando ao mundo, mas sim aceitando o mundo na sua impermanência que seremos capazes de assimilar e transcender o real. É dessa impermanência que falamos. Ela não foi vivenciada apenas pelo Mestre Rennyō mas é ele que a aponta de forma mais direta e expressiva.

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

Assim, o Mestre Rennyho nos ensina que, uma vez sendo mortais, devemos obter a fé no decorrer de nossa existência ordinária. Essa expressão do Mestre Rennyho é uma outra maneira de exprimir o conceito de "pessoas firmemente estabelecidas na presente existência" que foi enunciado pelo Mestre Shinran. Sub-correntes da Escola da Terra Pura como Nishiyama e Chinzei propõem a concretização da fé na hora da morte, a crença de que seremos acolhidos por Buda no último instante - RAIGÔ. Em oposição a eles, a Verdadeira Escola da Terra Pura nos ensina que não é a hora da morte mas sim na nossa existência ordinária, na nossa vida presente que experimentamos a fé e a salvação. Tal é o conceito de "pessoas firmemente estabelecidas na vida presente" enunciado pelo Mestre Shinran.

Assim, o problema da morte não é um problema a ser adiado para o momento final de agonia, é um problema a ser encarado e questionado na presente existência. É assim que surge uma forma de viver preparado para a morte.

Ao mesmo tempo em que se fala da impermanência, o Budismo se posiciona Também no ponto de vista do Não-Eu. Tal é a postura do Budismo Básico de Sakyamuni. Vejamos o que é o Não-eu, do ponto de vista da vida. Nós temos a tendência de encarar a vida como uma propriedade nossa. Pensemos um pouco. Será que nós nascemos a partir de nosso próprio esforço e a partir de um ato de nossa própria vontade? Eu gostaria de encontrar alguém que tivesse nascido por sua própria vontade e iniciativa. Isso não ocorre de maneira nenhuma. Há um pai e uma mãe, avós e avós e além disso, toda uma sequência de vidas que estão na origem de minha existência. A isso o Budismo chama de Princípio de Originação Dependente ou Condicionada.

Na nossa vida diária dá-se o mesmo. Nós, que recebemos uma educação moderna temos uma tendência a embelezar nosso ego. Afirmamos que nossa vida é algo que nos pertence. Digamos que a vida é nossa mas o nosso dia-a-dia não será uma sucessão de coisas imprevistas? Nosso próprio encontro neste dia de hoje, o fato de estarmos aqui juntos, não será em suma, um evento imprevisto?

Minha vida neste local, no dia de hoje, já estava programada em minha agenda. Mas o fato de eu estar aqui com vocês, neste exato momento, é um fato imprevisto. É inexplicável o ato de eu ter vindo de tão longe, do Japão e estar aqui e agora me encontrando com vocês. Algo poderia ter me impedido de vir, bem como alguma coisa poderia ter atrapalhado a vinda de vocês. Entretanto, temos a felicidade de estarmos aqui reunidos. Isso é uma coisa imprevista, inesperada.

O mesmo se dá com a morte. Ela é uma coisa imprevista.

Um amigo de Tokyo me mandou um dia destes um livro intitulado **Como morrer com Perfeição**. Quando eu me encontrar com ele quero perguntar se ele é capaz de morrer com perfeição. Ninguém é capaz de morrer como quer, com ou sem perfeição. Será que alguém se vê prostrado num leito para sempre por vontade própria? Nem a vida nem a morte ocorrem segundo a nossa vontade. Nada, em nossa vida, ocorre segundo nossa vontade.

Entretanto, nós que recebemos uma educação moderna que nos ensina a embelezar nosso ego teimamos em encarar a vida como algo que nos pertence. Quanto mais teimamos em considerar a vida como nossa, maior será o nosso sofrimento.

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

diz que a Espontaneidade é o Buda supremo. Diz ele ainda que:

"Espontaneidade significa o homem deixar de pensar que algo seja bom ou mau".

Talvez seja uma maneira algo exagerada de falar mas a verdade é que o homem não tem condições de determinar o que é bom e o que é mau:.

"Espontaneidade significa o homem deixar de pensar que algo seja bom ou mau. O Voto consiste no Voto Supremo de Buda de deixar as coisas fluírem a sua maneira. O Supremo Buda não tem forma. Não tendo forma, é ele a própria Espontaneidade. Quando ele expressa uma forma, não se pode dizer que ele seja o Supremo Nirvana. É para nos ensinar que não tem forma que ele se faz ouvir como Buda Amida. O Buda Amida visa nos fazer entender a Espontaneidade".

Assim, o Nembutsu nos faz literalmente regressar ao mundo que transcende o bem e o mal, ao mundo da espontaneidade além do bem e do mal. Assim, é nos dito que a espontaneidade é o Supremo Buda. É o Mundo da Natureza do Dharma para onde regressamos. como resultado, atingimos então a paz de espírito. Tal é a posição mais profunda da Filosofia Oriental. Nós, modernos, conforme eu mencionei há pouco, tendemos a embelezar o ego. Já o Budismo nos ensina a dominar e a superar o ego. Não se trata de embelezar o ego, mas sim de dominá-lo.

Quando tomamos consciência de tudo isso tomamos contato com um mundo onde é possível transcender o sofrimento da velhice e da morte. A postura fundamental do Budismo consiste em aprender isso. Nós que tivemos uma educação moderna temos a tendência de racionalizar tudo, inclusive o Nembutsu. Queremos incluir tudo em nosso ego, macular tudo com nossas mãos sujas. O resultado é que entendemos cada vez menos, tornamos cada vez mais difícil alcançar a fé.

Não haverá um modo mais dócil e simples de percebermos o mundo da Luz e da Vida Imensurável, o mundo que transcende nossa vida e nosso ego? Acredito que isso seja possível através da contemplação da vida e da morte. Creio que podemos aprender isso com um paciente terminal de câncer que mostrou recentemente como se pode regressar a Terra Pura. Trata-se de uma pessoa da cidade de Hamamatsu, no Japão, cuja irmã participou do meu Centro de Reflexão sobre a Vida e a Morte.

Ela veio por acaso, por outro motivo qualquer, mas acabou participando do nosso seminário. Ela me procurou exatamente no dia seguinte ao em que o médico desenganara sua irmã.

Posteriormente recebi várias cartas da irmã e procurei respondê-las da melhor maneira possível. Trocamos assim toda uma correspondência.

Trata-se de duas irmãs. A que me escreveu foi a mais velha. Quando ela tinha dois anos e sete meses e a mais nova apenas sete meses, perderam a mãe. Quando a irmã completou 26 anos, perderam o pai. Posteriormente ambas se casaram. Desde a infância elas eram muito unidas. Quando a mãe morreu, pediu a mais velha, que tinha apenas 2 anos e 7 meses que cuidasse da irmã menor. Isso as tornou ainda mais unidas. Assim, quando a mais nova tornou-se cancerosa na fase terminal, a mais velha sofreu como se fosse ela mesma. Eu as aconselhei bastante. No ano passado, viajei para os Estados Unidos entre junho e outubro. ao regressar ao Japão em outubro, recebi a seguinte carta:

*"Já nasceu novos brotos nos campos após a colheita, o que me faz sentir a passagem do tempo. Seja bem-vindo de volta, após sua longa viagem. O Sr. deve estar cansado. Sinto ter-lhe causado tantas preocupações antes de sua viagem ao exterior. Apesar de todos os cuidados, minha irmã regressou à Terra Pura no dia 29 de Julho às 0 hora e 35 minutos. Havia completado 46 anos no dia 24. Estimulada por suas cartas, procurei, na medida do possível, ouvi-la e conversar com ela. Entretanto, devido ao rápido agravamento da doença, mal pude transmitir-lhe um décimo do que pretendia lhe dizer. Só pude comprar sem demora o seu último livro, **Introdução ao Budismo através da Tristeza**, cuja existência soubera através do comunicado de abril do grupo de estudos, livro esse que entreguei ao meu cunhado. Ele leu o livro com atenção e sempre que possível passava alguma coisa a minha irmã (Trata-se da minha irmã que era paciente terminal de câncer). Às vezes, ela dizia: Minha irmã e meu marido dizem a mesma coisa. No dia 29 de Julho ela recebeu alta do hospital e passou a ser tratada em casa. A idéia era tratá-la da forma a mais natural possível, já que o hospital já informara que nada mais era possível fazer. Em casa ela conseguia cuidar de si mesma mas ao começar o mês de julho ela expressou o desejo de estar o mais tempo possível junto de todos e começou a tomar remédios populares. O efeito colateral foi uma forte diarreia que a mobilizou. Por volta do dia 10 o marido pediu licença da firma para ficar sempre ao seu lado. A sogra e eu ajudamos. Eu me encarregava de correr para me comunicar com o médico. Certa vez em que ficamos a sós com ela me confessou que tinha medo de morrer e eu lhe disse:*

- Você vai voltar para a Terra Pura, para junto do papai e da mamãe. O Buda Amida protege você, não precisa ter medo. Basta recitar o NAMU AMIDA BUTSU, papai e mamãe estão com você, espere por mim.

Assim falei com ela, enquanto chorávamos juntas. Foi um momento deveras doloroso. Minha irmã dizia: - Eu entendo! Eu entendo! Sei que você virá ao meu encontro! Mas só venha depois de fazer por meus filhos tudo aquilo que não consegui fazer. Estarei a sua espera.

Depois, repetiu por várias vezes o NAMU AMIDA BUTSU.

As pessoas que vinham visitá-la repetiam!

*- Tenha ânimo para vencer! Seus filhos ainda são pequenos. Ao ouvir isso, eu me sentia desconsolada e pensava em poder fazer alguma coisa. Então meu cunhado disse para comprar vários exemplares de seu livro **Introdução ao Budismo através da Tristeza** para distribuir aos parentes para que esses aprendessem a consolá-la de outra forma a não cobrar-lhe ânimo para vencer. Fiquei aliviada ao ver que meu cunhado havia entendido. Tratei logo de comprar e distribuir o livro.*

Há muitas coisas como essa, em que os parentes do paciente cobram-lhe ânimo para vencer a doença porque seus filhos são pequenos. Tais palavras soam de forma bastante dolorosa para os doentes que certamente pensam:

- Sim, eu me esforço! Isso é bom para vocês, que estão com saúde. Quanto a mim, só me resta morrer.

Tal cobrança de ânimo soa aos ouvidos dos pacientes como uma declaração de orgulho pela saúde por parte do interlocutor. Isso só aumenta o abismo entre eles. O marido da doente, não suportando mais isso, entendeu que era necessário que os parentes lêssem o livro para entender.

*Quando minha irmã não mais conseguia dormir devido à forte febre, a ânsia de vômito, a fraqueza e as dores, manifestou desejo de ser internada num HOSPICE. Ela ouvia dizer que a mãe de uma amiga fora muito bem tratada e ela própria pediu informações a amiga por telefone. O marido achou-a bastante animada ao falar do assunto e ficou bastante surpreendido. Tomou todas as providências e no dia 21 de Julho ela foi internada na HOSPICE do Hospital X. Logo ao se internar ela recusou os serviços do pastor cristão, dizendo que era devota da Verdadeira Escola da Terra Pura e pretendia regressar ao local de seus pais. Soube depois que ela falava muito com o médico sobre a Verdadeira Escola da Terra Pura, sobre o marido e sobre mim, sua irmã. Ela se mostrou calma apenas nos dois ou três primeiros dias no hospital. Depois, passou a experimentar fases em que sua consciência se mostrava bastante confusa. Depois de internada, seus parentes, como o marido, os dois filhos, a sogra e eu, em número de sete, procurávamos estar sempre a seu lado. Os filhos ajudavam-na a alimentar-se, a refrescar-se e a vestir-se. Também a massageavam. No final a filha mais velha que cursava o 3º ano ginásial a ajudava também com o urinol. Na noite de 28 de Julho mandei todos para casa porque estavam cansados. Ficamos apenas eu e meu cunhado, à beira de seu leito, conversando sobre o tempo em que ela era criança. Observada pelo médico e por nós ela exalou seu último suspiro em paz. Ela deixou uma carta para mim dizendo que eu havia sido para ela uma segunda mãe e que sua vida, embora curta, fora feliz. Fazia pouco tempo que havíamos descoberto o Nembutsu. Ninguém falara conosco, estudávamos sozinhas, encomendando livros à livraria Hozokan. O avanço da doença me perturbava e, como irmã mais velha eu me inquietava, ansiosa em saber se ela realmente entendia. Recitar o NAMU AMIDA BUTSU e regressar, protegida pelo Buda Amida, a Terra Pura onde estavam papai e mamãe. Isso era tudo. Nada sabíamos, só pensávamos isso, profundamente. Minha irmã nunca mais falou em ter medo de morrer. Mas o corpo cada vez mais obedecia menos. Ela dizia, ao conversar, que com todo o esforço o corpo lhe dava cada vez menos folga. Segue no mesmo envelope a cópia tirada por meu cunhado do bilhete que ela escreveu para a irmã. O original está no exemplar do livro **Introdução ao Budismo pela Tristeza** colocada no oratório doméstico. Perdemos nosso pai quando ela tinha 26 anos. Minha irmã mostrou então que sentira profundamente a impermanência. Suas lágrimas de então pareciam pressentir o dia de hoje. A outra cópia contém suas curtas composições literárias, poemetas e poemas que ela compunha. Trata-se de um mundo só de nós duas.*

Não temos nenhum entendimento a respeito da Verdadeira Escola da Terra Pura. Também não tivemos nenhuma ajuda. Apenas nos foi dado tomar consciência do Nembutsu. Acredito que isso tenha se constituído num grande apoio para ele. Esses textos são nosso tesouro em cuja composição foi empenhada toda uma vida. Desculpe a longa carta. Sinto que este momento é o ponto de partida de um longo trabalho para compreender corretamente a doutrina da Verdadeira Escola da Terra Pura que me foi dada encontrar através da morte da minha irmã. Sinto também que preciso transmitir essa compreensão ao meu cunhado, aos filhos dela e aos meus. Depois da morte dela os familiares temiam que eu não me recuperasse, mas a verdade é que o encontro com esse ensinamento me preservou e admiro-me de que nos veremos de novo um dia. Pretendo, na medida do possível, continuar

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

participando do Grupo de Estudos. O grupo, ou melhor, o Prof. Tashiro foi um apoio inestimável para nós duas, agradeço do fundo do meu coração. Muito obrigada por tudo, espero poder continuar a contar com o Sr."

Assim dizia essa longa carta. Vejamos agora as palavras que o marido da morta escreveu para ela.

"A melhor coisa é encarar a realidade e viver com todo o empenho a vida tal como nos é dada. Podemos passar por uma tristeza profunda sem nos angustiarmos. A angústia provoca pensamentos penosos em si mesmo, na família e demais pessoas próximas. É importante se esforçar profundamente para viver cada dia. Todos da família esperam que você viva um pouco mais. Li este livro muitas vezes na família. sua imagem triste e preocupada com os filhos e a família se confundia com a imagem da mulher citada no livro. Cada vez que lia as lágrimas brotavam dos meus olhos. Gostaria de ler para você mas sinto que não consigo. Faça um esforço para ler você mesma. Não podemos desperdiçar um único dia. É preciso viver a vida que nos resta com o máximo empenho."

Além disso, a carta trazia alguns poemas compostos pela paciente em seu leito. Apresentarei algumas:

"De noite, ouvindo a respiração do marido que dorme, saudável, sinto-me envergonhada de meu orgulho em temer deixá-lo."

"Nestes últimos dias, no tempo das cigarras, ouço a chuva enquanto seco as roupas dos filhos no varal."

"A minha mãe morta:

Todos esses anos anseio por teu rosto que não conheci, meu coração continua o de um bebê."

Na região de Hamamatsu, como vocês devem saber existem poucos Templos da Verdadeira Escola da Terra Pura. Assim mesmo ela procurou nosso grupo de estudos, proporcionando-nos essa experiência. Isso não significa, porém, que somos capazes de proporcionar toda a ajuda. Parece que essas pessoas foram assimilando o Nembutsu espontaneamente. Nós remoemos muitos pensamentos mas a verdade é que o significado do Nembutsu está no não significado.

Ao nos entregarmos a esse tipo de trabalho, muitas pessoas nos perguntam:

- Estudar o Budismo é muito difícil mesmo para nós. Como que vocês conseguem ser entendidos, falando dessas coisas difíceis do Budismo para aqueles que estão morrendo?

Essas palavras revelam o orgulho das pessoas saudáveis. O fato é que o coração dos que estão morrendo está bastante polido e transparente. Para o moribundo, a posição social, as honrarias e a fortuna não tem mais o menor significado. Vemos que elas se desprendem de todo o apego e aceitam dócilmente o Nembutsu.

Vemos no caso acima relatado como essa irmã e toda a sua família, através da

O BUDISMO E A REFLEXÃO SOBRE A VIDA E A MORTE

oportunidade proporcionada por esse caso foram levados a pensar na sua existência, na sua vida e na sua morte.

Assim, a questão não consiste apenas em proporcionar cuidados de enfermagem ao paciente terminal. Não é esse o nosso VIHARA. Acredito que desde jovens precisamos deixar de encarar a morte como um tabue necessitamos questionar o sentido da vida.

Acredito que a Educação para a Morte que é também uma pedagogia para a vida se constitui numa forma de budismo e especialmente da Verdadeira Escola da Terra Pura adaptada a nossa época e a nossa situação. Acredito também que isto não é para ser pensado apenas em termos de Japão, mas diz respeito também ao Brasil, aos Estados Unidos, à Europa, ao mundo inteiro, enfim.